

EDUCAÇÃO NO CAMPO E NA CIDADE

Cecilia Sermatiuk¹

Solange Todero Von Onçay

RESUMO

A experiência que me instigou o estudo, foi a análise de duas escolas, uma localizada no campo, e a outra escola localizada na cidade, zona urbana de Prudentópolis no estado do Paraná. Como exerço a função de Professora Pedagoga e sempre estive envolvida na organização da construção do PPP (Projeto Político Pedagógico) defini como eixo de estudo a análise do que pode ser sintetizado no trabalho pedagógico da escola, sendo a maior dificuldade é compilar os dados de acordo com a realidade escolar, a que tipo de público a escola atende.

Portanto, a ideia de analisar os Planos de Ação dos professores a Proposta de trabalho de ambas as escolas, realidades iguais ou diferentes? Conteúdos diferenciados? Ou são práticas diferentes?

Nesta análise, participaram professores, equipe pedagógica, direção, agentes educacionais e alunos.

Palavras-chave: Projeto Político Pedagógico, Plano de Trabalho Docente, Ação Pedagógica.

¹ Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Telêmaco Borba, e-mail:Cecília_sermatiuk@yahoo.com.br.

² Educadora Orientadora, UFPR Litoral.

1- CONTEXTO

No trabalho diário na escola sempre há dúvidas em relação ao ensino de qualidade adaptado a realidade de cada educando. Fazendo parte da equipe pedagógica de uma escola estadual localizada no campo, interior de Prudentópolis, e ao mesmo tempo atuando em uma escola situada na zona urbana, pareceu-me oportuno do ponto de vista da análise, investigar os Planos de Ações dos professores que lecionam na zona urbana e rural. Na escola do campo, tudo parece ser mais tranquilo, mais família, os alunos que vem para estudar e os pais vem a escola para a reunião de entrega de boletins e tratam os profissionais da escola com maior respeito. Já a escola urbana, movimentada as famílias todos os dias para acompanhar o desenvolvimento, aprendizagem, a disciplina ou indisciplina dos alunos, uma realidade diferente da outra, porém, uma depende da outra. Uns migram para a cidade, outros para o campo. E é este ponto em que devemos refletir como escola para equilibrar e poder oferecer um ensino de qualidade em que os alunos tenham interesse e gosto em estudar e permanecer perto de suas famílias.

O objetivo que norteou meu trabalho foi o de analisar a prática pedagógica, a nível dos planos e da prática pedagógica, na perspectiva de perceber se realmente os educandos estão recebendo uma educação de qualidade, ou se a mesma reproduz a ideia de que campo é inferior a quem reside na cidade, ou seja, de pessoas atrasadas. De outro lado, busca-se também analisar o que ensinar para os alunos das escolas urbanas, em relação à vida no campo, já que a maioria viveram ou vivem no campo e que vem para estudar na cidade.

Cabe trazer o presente estudo do Economista Veiga em seu livro “ Cidades Imaginárias”, afirma que o Brasil é menos urbano do que parece. O autor ao debater a dimensão rural do Brasil revelou que em 2000, de um total de 5.507 sedes de municípios: 3887 possuíam menos de 10.000 habitantes, 1.776 possuíam menos de 2.000 habitantes e que em 2001, 4.557 não possuíam um Plano Diretor, 4.512

² Educadora Orientadora, UFPR Litoral.

estavam sem IPTU, 4.467 estavam sem ensino superior, 4.680 sem varreduras de ruas e limpezas terceirizadas, 4.317 sem coletas de lixo domiciliar. O que o autor quer mostrar é que para ser considerada zona urbana, segundo o IBGE, a lei n.º 4.476/97; o artigo 1º parágrafo 1º considera imóveis urbanos aqueles localizados em regiões beneficiadas por pelo menos três dos seguintes serviços públicos: a) meio fio ou calçamento; b) abastecimento de água; c) sistema de esgoto sanitário; d) rede de iluminação pública; e) escolas.(IBGE:2000)

Diante destes fatores, percebemos disputas conceituais e conflitos que contribuem para a viabilização das Escolas do Campo no Brasil, no Paraná, em Prudentópolis. Por isso estamos diante de um grande desafio, primeiro compreender o campo da Educação do Campo. Qual a proposta de Educação que devemos construir nas escolas do campo?

Segundo Caldart:

As educadoras e os educadores do campo vem participando intensamente do processo de transformação que nele vem acontecendo e estão convencidos de que é preciso aprender a potencializar mais os elementos presentes nas diversas experiências, e transformá -los em um movimento consciente de construção das escolas do campo como escolas que ajudem no processo mais amplo de humanização, e de reafirmação dos povos do campo como sujeitos de seu próprio destino, de sua própria história”.(2000, p.8).

A escola da Educação do campo tem um processo diferente de se conduzir uma prática pedagógica, e isto pode desenvolver com compromisso através de capacitações contínuas dos profissionais que nela atuam dando condições dignas de trabalho, remuneração, transporte onde cada profissional sinta o gosto de atuar em uma escola. Percebe-se que há um certo desestímulo no olhar dos professores que fazem longas viagens diárias para atuarem na escola do campo.

Hoje, tudo o que fazemos está de certa forma ligada a que aprendemos na escola e hoje voltando o olhar sobre as escolas do campo percebe-se que muitas

² Educadora Orientadora, UFPR Litoral.

delas estão equipadas, informatizadas, porém, qual será a função social destas escolas, será que estão preparadas para exercer os procedimentos pedagógicos satisfatórios?

Podemos perceber que as escolas pesquisadas, assumem como sua função social o papel de levar ao aluno o aprender a ler e escrever, respeitando a cidadania os direitos e deveres no meio em que vivem, interagindo, realizando projetos que venham a beneficiar a comunidade.

2- DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Esta experiência aconteceu quando atuei como Professora Pedagoga no Colégio Estadual Papanduva de Cima - Ensino Fundamental e Médio no ano de 2008, localizado a 32 Km da sede do Município de Prudentópolis, ou seja, localizada no Campo.

Foi um ano bastante agitado e novo no meu trabalho, pois, ao mesmo tempo em que desenvolvi trabalhos pedagógicos, também tive a oportunidade de reviver o gosto de viver e conviver com alunos do campo. Foi um fator importante para que eu buscasse algo de estudo na área do campo.

Esta prática teve um longo processo de desenvolvimento, com vários questionamentos em relação ao Colégio, a prática educativa que estávamos estabelecendo entre os conteúdos que se ensinam e os interesses dos alunos, ou seja, o que estava de acordo com a realidade do campo. Foi aí que desenvolveu-se o Projeto Político Pedagógico do Colégio, construindo-o numa perspectiva inovadora, desenvolvido de forma a articular os conteúdos trabalhados em sala de aula, com a prática.

Neste processo, envolveu-se todas as disciplinas, como por exemplo: matemática (medidas: litro - medir o campo de futebol da comunidade e calcular;

² Educadora Orientadora, UFPR Litoral.

Ciências e Biologia: embalagens de agrotóxicos...enfim, palestras com agrônomo, engenheiro Florestal...).

O projeto tinha a participação de alunos professores, equipe pedagógica, pais, comunidade em geral. Cada dia da semana foi desenvolvido uma programação diferente: segunda-feira: aula planejadas pelos professores todas voltadas ao homem do campo (agricultura, meio ambiente local, criação de animais. A semana foi bastante movimentada e muito interessante, em relação aos resultados que se obteve. Tão proveitoso que hoje em Calendário Escolar foi estabelecido a Semana do Agricultor no mês de agosto.

Teve também a participação de estudantes do CDJOR (Programa de Empreendedorismo do Jovem Rural), alunos do Programa participaram desenvolvendo experiências aprendidas no curso (horta e sistema de irrigação-cisterna com reaproveitamento das águas da chuva). As turmas que participaram foram as 2ª séries do Ensino Médio e que deram continuidade na 3ª série. Foram escolhidas estas turmas por serem maiores e que poderiam manusear ferramentas na horta.

Primeiramente foi apresentado o Projeto para a direção da escola e adaptado a realidade da comunidade, depois apresentado aos alunos, onde foi sendo ajustado a ideias dos alunos e por fim a prática. Este projeto teve a duração de 2 anos. Projeto muito interessante o qual levou outros professores a terem interesses pela horta e que os alunos tudo que aprenderam levaram para as suas casas. O que mais me surpreendeu foi onde os alunos sabiam muito mais do que se imaginava, principalmente sobre os tipos de solos e técnicas de erosões. No entanto a Escola Estadual São Lucas, Ensino Fundamental localizada na Vila Esperança, Prudentópolis, possui uma realidade bem interessante, os alunos não tem muita ideia de como cultivar os produtos, das erosões, de onde vem os alimentos trazidos pelos agricultores da merenda orgânica.

² Educadora Orientadora, UFPR Litoral.

Diante disso, sentimos a necessidade de trabalhar na escola, em todas as disciplinas sobre a origem, processo, custo, utilizando-se de palestras, pesquisa de campo, fotos, arborização do pátio da escola, enfim, este trabalho resultou no interesse dos educandos em organizar hortas em casa. Desta forma, o consumo da merenda na escola onde no início percebemos a rejeição no consumo, hoje vemos o sucesso da merenda totalmente orgânica na nossa escola.

Importante relatar que alguns projetos que deram e estão dando certo em Prudentópolis, como por exemplo a merenda orgânica nas escolas através do Projeto “Guardiões da Natureza” em parceria com a CONAB, onde os produtores entregam nas escolas frutas, verdura, legumes, cereais orgânicos, fez com que todas as escolas aproveitassem o momento de trabalhar os hábitos alimentares e a origem dos produtos, que é uma saída para os produtores, um motivo a mais para a sua permanência no campo. E neste ano de 2011, todo o município aos poucos está se adequando aos 30% da merenda que devem vir direto dos produtores rurais.

Por isso, segundo Kwanlsu, séc.III a.c :“Se plantarmos para um ano, devemos plantar cereais, se plantarmos para uma década, devemos plantar árvores ,se plantarmos para toda vida, devemos instruir e educar o ser humano.”

É nesta perspectiva de futuro que devemos visualizar e lutar, trilhando melhores caminhos na formação de bons cidadãos.

3- CONSIDERAÇÕES

A prática pedagógica é o que diferencia os planos de trabalho docente, analisando os Planos de Trabalho Docente da Escola Estadual São Lucas – Ensino Fundamental, localizada na Rua Iguazu, Vila Esperança município de Prudentópolis e o Colégio Estadual Papanduva de Cima – Ensino Fundamental e Médio, localizado na Linha Papanduva de Cima, interior do município de Prudentópolis, os Planos de

² Educadora Orientadora, UFPR Litoral.

Trabalho Docente são iguais, pois, seguem as Diretrizes Curriculares Nacionais, no entanto o que diferencia é a ação pedagógica de cada docente e o plano de ação das escolas com projetos adaptados a realidade local incutido no Projeto Político Pedagógico.

Realmente o que preocupa é a dificuldade na apresentação, execução de práticas pedagógicas nas escolas do campo, capacitação de docentes e a falta de incentivo para a permanência dos mesmos nas escolas localizadas no campo. Esta falta de estabilidade se dá por motivos, como: enfrentamento de transporte precário, estradas mal conservadas, capacitação, remuneração diferenciadas para os que lecionam no interior.

Falta muito para atingirmos o sucesso, porém, se analisarmos a histórias das lutas do homem do campo, desde o início das lutas campestres até os dias de hoje, muitos olhares estão voltados ao homem do campo, falta a conscientização de todos que vivem no campo para conservação do meio ambiente e pela permanência do homem do campo no campo. No entanto, as Diretrizes Curriculares de Educação do Campo foi um grande avanço, pois é através da educação que podemos atingir a todos, respeitando as diferenças e o direito a igualdade. Ou seja, não é somente a minha preocupação mas de toda sociedade em educar, preservar e conscientizar a grande valia do campo e de quem vive nele. Valeu a pena este estudo e continuarei lutando por esta causa.

² Educadora Orientadora, UFPR Litoral.

4-REFERÊNCIAS

BENJAMIN, César e CALDART, Roseli Salette: Projeto Popular e Escolas do Campo/- Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2000. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, nº 3.

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>

Planos de Ações das Disciplinas: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Biologia, Ensino Religioso, Educação Física, Física, Química, Artes, Filosofia, Sociologia.

PARANÁ. Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, Secretaria de Estado da Educação/SEED, Curitiba, 2006.

VEIGA, José Eli. Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Editora: Autores Associados, 2002.

O TCC a “**Educação no Campo e na Cidade**” de Cecilia Sermatiuk parte de uma questão investigativa relevante, que buscava perceber e comparar como a escola do campo e da cidade enfocavam sua ação pedagógica, e, se no pensar-fazer pedagógico a escola do campo, há diferenciais que contribuem para a emancipação dos sujeitos do campo.

A questão norteadora, aponta alguns resultados de pesquisa no item descrição de experiência, onde no mesmo, a orientanda relata inovações na ação pedagógica, que chama de um marco que considera capaz de construir uma ação pedagógica capaz de articular uma experiência totalizadora, integradora dos conteúdos, trabalhado a partir de ações planejamentos coletivos, no qual a visão de mundo e de escola se revisão.

O escrito trabalha primeiramente com fundamentação que busca revisar a visão ideológica de campo esvaziado, mostrando por meio de autores o potencial da dimensão rural, relatando após a experiência da prática pedagógica.

De modo geral, cabe destacar que a orientanda constituiu um processo qualificador em seu escrito, principalmente quando aproxima a experiência prática, que dá resposta a questão orientadora, estando assim aprovado o seu trabalho.

Solange Todero Von Onçay